

ARTIGOS/ENSAIOS

História, memória e religiosidade na festa do Divino Espírito Santo em Natividade - TO

Poliana Macedo de Sousa
Marina Haizenreder Ertzogue



História, memória e religiosidade na festa do Divino Espírito Santo em Natividade - TO

*Poliana Macedo de Sousa¹
Marina Haizenreder Ertzogue²*

RESUMO

Descreve o processo de organização e preparação da comunidade em torno da festa do Divino Espírito Santo em Natividade – TO, por meio da observação e interação com os devotos e foliões, além de sua relação com a religiosidade, espaço e lugar, relacionando com conceitos de folkcomunicação e história oral. Faz um resgate histórico do início das comemorações da festa em Portugal e sua expansão pelo continente europeu e colônias portuguesas que seguiram o modelo de “império” de Alenquer, com destaque para o Brasil. Aponta que o devoto procura o modelo divino para sentir-se próximo de sua divindade, pois a fé e a devoção dos foliões e sua relação com a festa são repassadas a cada geração.

PALAVRAS-CHAVE

Religiosidade. Folkcomunicação. Festa do Divino Espírito Santo.

History, memory and religiosity on the festivity of the Holy Spirit in Nativity – TO

ABSTRACT

Describes the process of organizing and preparing the community around the festivity of the Holy Spirit in Natividade - TO, through observation and interaction with devotees and revelers, and its relation to religion, space and place, relating to concepts folk communication and oral history. It recounts the history of the beginning of the celebrations of the feast in Portugal and its expansion across the European continent and Portuguese colonies, and in Brazil, places that followed the model of "empire" of Swindon. It indicates that the devotee seeks divine design to feel close to his divinity, for faith and devotion of revelers and their relationship with the party are passed on to each generation.

KEYWORDS

Religiosity. Folkcommunication. Festa do Divino Espírito Santo.

¹ Mestre em Ciências do Ambiente pela Universidade Federal do Tocantins. Jornalista com especialização em Cidadania e Cultura. E-mail: polimacedo@gmail.com

² Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Professora do curso de História na Universidade Federal do Tocantins e do curso de pós-graduação em Ciências do Ambiente também na UFT. E-mail: marina@mail.uft.edu.br

Introdução

O estudo que aqui se apresenta – *História, memória e religiosidade na Festa do Divino Espírito Santo em Natividade, TO* – é parte da dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Ciências do Ambiente na linha de pesquisa *Cultura e Meio Ambiente*³. Esta pesquisa teve como objetivo relatar o processo de organização da comunidade do município de Natividade,⁴ no Tocantins, em torno da realização da Festa do Divino Espírito Santo, além de compreender a sua contribuição na construção da cultural local.

Acompanhamos e descrevemos as formas de organização interna e externa dos personagens e foliões da festa, bem como suas relações com a comunidade, devotos e com outros grupos e instituições de apoio. Pesquisamos ainda, a origem da comemoração da festa na cidade relatando as etapas de organização da mesma, bem como a origem do “Império” em Alenquer (Portugal) durante intercâmbio na Universidade do Minho, em Braga, Portugal.

Ao entrevistarmos os foliões e devotos da Festa do Divino Espírito Santo de Natividade, conseguimos obter informações sobre a percepção e memória dos mesmos sobre as atividades acerca da festa. E analisamos, ainda, por meio do suporte teórico de autores como Durkheim (2008), Eliade, Bourdieu (1998), Beltrão (1980), Brandão (1980; 1981; 2010) e Tuan (1983), as relações entre sagrado, profano, religiosidade, espaço, lugar e o homem, os quais contribuíram para a compreensão da importância da festa para os “nativitanos” e cultural para o Tocantins, como para o entendimento do envolvimento que os devotos e foliões possuem pelo Divino Espírito Santo.

Nesse sentido, trabalhamos com as relações entre a produção dos saberes e a ocupação dos espaços por grupos sociais que buscam assegurar a reprodução de suas marcas identitárias, utilizando o campo da folkcomunicação e da história oral como referencial metodológico e suporte teórico.

A preservação da festa do Divino Espírito Santo pela comunidade local, enquanto legado de patrimônio cultural, é reconhecida como tradição do Tocantins, que, apesar de ser em Natividade a festa é um momento de renovação da fé e da confirmação do temor a Deus que é regada por muitos cânticos de catira, comidas típicas e licores. Com celebrações registradas desde 1904, identifica-se a importância desses ritos e a significância da festa para os membros de sua comunidade, não só pelo seu significado

³ A referida investigação é resultado da dissertação “História, Memória e Religiosidade na Festa do Divino Espírito Santo em Natividade”. Disponível em: <http://www.uft.edu.br/ciamb>

⁴ É a mais antiga cidade do Estado do Tocantins, antes pertencente ao Norte de Goiás, fundada no século XVIII.

histórico atual, essa cultura de promover a festa já era celebrada e, por isso, merece ser preservada e investigada.

Festas do Divino no continente e além-mar

Caracterizada como uma festa católica, um sinal de partilha e de compromisso na missão de reunir os fiéis em torno da mensagem de Cristo, a festa de Pentecostes dá lugar às manifestações comunitárias de regozijo e alegria em que as pessoas do campo juntavam-se na cidade mais próxima, seguindo em procissão, cantando e dançando em louvor ao Divino Espírito Santo.

As festas em celebração a Pentecostes ou festas do Divino Espírito Santo, tiveram sua origem em Portugal com expansão do seu culto por toda a Europa Ocidental, durante o século XII, com grande influência fomentadora de ordens religiosas, como os franciscanos; o patrocínio do poder real e, por arrastamento, das classes sociais mais abastadas; o seu caráter caritativo do “bodo aos pobres⁵”, o que tinha grande popularidade; cortejos e cerimoniais ricos e suntuosos, com espetáculos impressionantes; e implementação desse culto, preferencialmente em zonas de influência dos grandes centros (ABREU, 1999).

Essa festa chegou ao Brasil por meio da colonização dos portugueses. De um modo geral, as festas do Espírito Santo tiveram um ciclo de implementação, expansão e decadência na história de Portugal. A sua fase de implementação constituiu-se (possivelmente) no início do século XIII até a implantação do modelo “império” em Alenquer, no início do século XIV, com sua fase de expansão também no início do século XIV até meados dos séculos XVI e, por fim, a fase de decadência que vai ao final do século XVI até nossos dias com maior ou menor intensidade e linearidade (LOPES, 2004).

Em Alenquer, Portugal, deu-se a implantação do modelo de “império” e que teve grande significância a rainha Isabel de Aragão, que espalhou o culto por todo o país nos séculos XIV e XV e, a partir do continente, chegando às ilhas da Madeira e Açores, com continuidade até os dias de hoje, além das colônias portuguesas, como o Brasil (LOPES, 2004).

Marta Abreu (1999) aponta que a religiosidade na Europa dissolveu-se sob ação das Reformas, principalmente a Protestante, após o século XVII, no mundo ibérico, em

⁵ Dar comida aos pobres.

especial na colônia portuguesa, diferentemente, ela persistiria, impregnada de influências africanas e populares.

Pesquisadores portugueses confirmam que, no geral, a distribuição de esmolos e os pedidos contra a peste e pragas eram recorrentes, como as festas pagãs da Primavera que comemoravam a abundância da vida que era renovada após o inverno, com fartura de alimentos, uma das características fortes das festas do Divino Espírito Santo.

As escassas e pouco precisas referências que possuímos acerca das origens das festas do Divino em terras brasileiras, ainda hoje vivas, nos remetem principalmente para o período temporal compreendido entre o primeiro e o terceiro quartos do século XIX, embora, por exemplo, em Pirenópolis, no Estado de Goiás, a mesma parece ter sido introduzida em meados do século XVIII, à semelhança, aliás, de Guaratinguetá, no Estado de São Paulo com informações remontando a 1751 (ABREU, 1999).

Por consenso, as festas foram introduzidas no Brasil com as entradas e bandeiras, conforme apontam alguns autores brasileiros e portugueses, sendo as folias precursoras dos populares festejos do Espírito Santo pelo interior do Brasil por se ambientarem geralmente na roça,

um conjunto de formalidades, um repertório de quadras de recurso, tão primitivos e completos que, num momento dado, punham em contribuição não só a espontaneidade religiosa, mas ainda a generosidade hospitaleira daquela boa gente, que não conhecia obstáculos no cumprimento de tradicionais deveres (MELLO MORAES, 1999).

Já no século XX, e fazendo um nexo entre os acontecimentos políticos que acarretaram mudanças geográficas no Brasil, foi criado o Estado do Tocantins⁶, que fazia parte do Estado de Goiás até o final da década de 1980, e obteve boa parte da cultura que encontramos hoje sendo repassada de geração a geração, pela interferência familiar de migrações ou pelo próprio processo de colonização da então região norte de Goiás (MESSIAS, 2010).

Sobre as festas do Divino Espírito Santo no Tocantins, as comemorações vão de janeiro a julho, de acordo com as características de cada localidade, e são realizadas em várias cidades, especialmente nas regiões sudeste e central do Estado, entre elas Almas, Santa Rosa, Chapada de Natividade, Peixe, Silvanópolis, Paranã, Conceição do Tocantins,

⁶ O Estado do Tocantins foi desmembrado do Estado de Goiás em 5 de outubro, por meio da Constituição de 1988.

Palmas, Porto Nacional, Araguacema, Araguaçu, com destaque para Monte do Carmo e Natividade (MESSIAS, 2010).

O sagrado e o profano nas festas religiosas

Emile Durkheim expôs em sua obra *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (2008) que a religião só pode ser criação coletiva, pois não há “religião individual”, sendo ainda uma imagem da sociedade, idealizada pelo homem para o homem, porém com suas raízes na realidade para ter relação com o tempo vivido e resistir ao tempo.

Durkheim acrescenta que no sagrado foram erguidas as crenças, os ritos e os símbolos que conduziram consciências na formação de uma comunidade moral, sendo distinções dos fenômenos profanos que renovariam e manteriam o sagrado, com o intuito de coordenação e submissão de certas práticas pela sociedade.

Sendo assim, o sagrado seria (ou é) uma representação da própria sociedade, em que “as crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que essas mantêm entre si e com as coisas profanas. Enfim, os ritos são regras de comportamento que prescrevem como o homem deve se comportar com as coisas sagradas” (DURKHEIM, 2008, p. 72).

Nem sempre é fácil delimitar o espaço do sagrado e do profano quando analisamos as festas, pois ambos se misturam e se entrelaçam constantemente. O ritual da festa provoca momentos de sociabilização necessários para as pessoas. Milheiro (1996) afirma que esse ritual da festa faz com que os indivíduos saiam da rotina e vivam algo singular e diferente do seu ritmo de vida, algo que se tornou um triunfo dos valores estabelecidos. Assim, a festa foi utilizada habilmente pelos governantes como afirmação de poder e pela hierarquia da Igreja Católica como afirmação de fé.

A festa, mais do que simples ida e do que separação é uma pausa preme de sentido e de fôlego [...] acontece sempre em alternância sem que ninguém consiga prolongá-la indefinidamente. Sucede como as estações e só é êxito quando cadencia a vida das comunidades. [...] A festa aparece como movimento que não deixa de ser igual, de repetir, sendo diferente e inovador, reciclando e integrando, qual memória que não deixa de ter um presente alicerçado em pilares estruturantes do passado, das origens. Esta dimensão faz da festa um acontecimento aglutinador e de convergência, um ponto de encontro de gerações, da comunidade, uma espécie de rotunda por onde todos passam para e tomar um sentido certo. Ela é lugar de memória, mas também porque actualiza os elementos que tornam cada comunidade diferente, com uma consistência própria (LIMA, 2000, p. 251-252).

Independente da complexidade de uma festa religiosa, o homem religioso sente a necessidade de participar do tempo sagrado, pois é um acontecimento que foi originado há muito tempo e que, por meio do rito, torna-se presente naquele momento. No tempo sagrado, tempo dos ritos e festas religiosas, o homem quer se aproximar dos modelos divinos e ficar mais próximo de seus deuses, ele simula e recria outro ser baseado nos mitos, enfim, na história.

Relacionando as festas religiosas com os processos de folkcomunicação, percebemos que existe um diálogo permanente entre essas duas categorias (o sagrado e o profano) integrando esses universos. E para que possamos entender e compreender a cultura popular e suas manifestações temos que estudar a religião, como indica Carlos Rodrigues Brandão (1980), em sua obra *Os deuses do povo*, na qual afirma que

ali ela aparece viva e multiforme e, mais do que em outros setores de produção de modos sociais da vida e dos seus símbolos, ela existe em franco estado de luta acesa, ora por sobrevivência, ora por autonomia, em meus enfrentamentos profanos e sagrados, entre o domínio erudito dos dominantes e o domínio popular dos subalternos.

Na folkcomunicação há uma distinção entre o que é sagrado e o que é profano, sendo assim definido por

como sagrado tudo que é ligado à religião oficial ou elitizada e que se chama de profano, os diversos momentos de expressão da fé popular. [...] a igreja é vista, estudada e separada como espaço sagrado: local de orações, de celebrações, do encontro do homem com o divino. E tudo que está fora dela, ou à margem dela, é assinalado como profano: o comércio, danças e divertimento (FREITAS, 2005, p. 02).

E, quando a folkcomunicação passa a estudar as manifestações que envolvem religiosidade, sagrado e o profano, ou seja, o que é divino há uma busca por compreender os aspectos comunicacionais dos elementos religiosos de determinada cultura, além de buscar na memória do grupo participante dessa manifestação a ancestralidade, algo mais antigo.

Na produção de crenças e práticas religiosas estão os modos de representação e compreensão individual e em grupo que são sustentadas pela memória, que é revivida nos lugares, nos discursos e nas práticas.

“Espaço” e “lugar” estão ligados à experiência. Podemos dizer que experiência é o processo de aprendizagem dessas relações estabelecidas entre as pessoas durante a festa do Divino Espírito Santo, onde as composições das rodas, catiras, cânticos retratam as

experiências vividas pelo homem nos espaços por onde passou, reforçando a ligação com a região. “Os espaços do homem refletem a qualidade dos seus sentidos e sua mentalidade. A mente frequentemente extrapola além da evidência sensorial” (TUAN, 1983, p. 18).

Considerando isso, a abordagem teórica e metodológica utilizada durante a pesquisa pretende analisar o uso do ambiente social, dos símbolos e da própria organização da comunidade para a constituição desta festa, pois não se sabe ao certo o início das comemorações da mesma na cidade, porém existem arquivos na Associação Comunitária Cultural de Natividade - Asccuna que datam sua realização desde 1904.

Essa abordagem abre espaço para a compreensão da memória coletiva como uma estrutura que é criada, recriada durante as práticas discursivas nos momentos em comum divididos pela comunidade, quando identidades sociais e individuais são formadas, assim como apresentou Philippe Joutard (1993, p. 526-527).

uma comunidade baseia sua legitimidade e sua identidade na recordação histórica [...] se organiza em torno de um acontecimento fundador, os fatos anteriores ou posteriores sendo assimilados a este ou esquecidos; quando são memorizados, é por analogia, repetição e confirmação do acontecimento fundador.

Santos (2010) pontua que ao celebrar festas religiosas como a do Divino Espírito Santo, os sujeitos tornam-se únicos através dessas práticas culturais. Dançar, cantar e orar, sem contarmos ainda com as promessas, romarias, procissões e festejos que são elementos da religiosidade que aproximam as pessoas e lhes dão um sentido de comunidade.

Percurso metodológico

Em linhas gerais, com relação aos aspectos metodológicos da pesquisa, ela é descritiva, pois visa delinear as características de determinada população ou fenômeno, envolvendo uso de técnicas de coleta de dados como observação e entrevistas. Já do ponto de vista dos procedimentos técnicos, a pesquisa pode ser classificada como bibliográfica, elaborada a partir de material já publicado, como livros, artigos de periódicos e materiais da Internet, além de ser um levantamento, pois envolveu a interrogação direta das pessoas. É também uma pesquisa participante, pois houve a interação do pesquisador com os membros que organizam e participam da festa do Divino Espírito Santo.

Foi realizada pesquisa de campo em Natividade, sendo significativa desde o primeiro momento, pois foi a partir dela que pudemos conhecer a comunidade, sua

história, vivenciar seu cotidiano, participar das festividades, auxiliando em alguns momentos durante a organização da festa, uma relação que foi estreitada ao longo dos anos e dos eventos dos quais participávamos, além de entrevistas abertas realizadas nos meses de agosto, setembro e outubro de 2011, diálogos durante as folias, pousos, ritos ou missa.

Natividade e a festa

Podemos caracterizar a festa do Divino Espírito Santo como uma festa cristã comunitária, um sinal de partilha e de compromisso na missão de reunir o mundo em torno da mensagem de Cristo.

A festa do Divino Espírito Santo de Natividade, cidade distante 220km da capital do Estado, Palmas, é considerada uma festa tradicional do Tocantins, caracterizando-se pela sua singularidade, em que alguns personagens, ritos e celebrações são distintos dos originários vindos com os colonizadores portugueses para o Brasil (PREFEITURA DE NATIVIDADE, 2012).

Com a chegada de imigrantes portugueses nessa região no século XVIII à procura de ouro, o então Arraial de São Luiz foi edificado em 1734, por Antônio Ferraz de Araújo, no topo da serra, pelas mãos de cerca de 40 mil escravos trazidos por esses desbravadores. Em 1770, o ouro do lugar já não atendia mais a demanda, os moradores desceram a serra, vindo formar um novo Arraial chamado de Natividade, por devoção dos moradores por Nossa Senhora de Natividade. E, em 26 de agosto de 1833, foi concedido o título de vila, passando a ser cidade em 01 de junho de 1891 (PREFEITURA DE NATIVIDADE, 2012).

A festa do Divino Espírito Santo segue o calendário cristão, com data móvel, celebrada cinquenta dias depois da Páscoa, precisamente no 7º domingo após a Ressurreição de Jesus, em que símbolos como a pomba e a cor vermelha representam, respectivamente, o Divino e o fogo, estão presentes em toda parte, seja nas bandeiras, decoração da Igreja e até mesmo na vestimenta dos devotos e foliões (PREFEITURA DE NATIVIDADE, 2012).

A preparação para a festa inicia-se um ano antes, com o sorteio dos festeiros na Missa de Coroação do Imperador, no Dia de Pentecostes. Nesse dia, os despachantes já sinalizam se vão ou não 'soltar' alguma folia, ajudando o Imperador e o Capitão do Mastro na busca de donativos sejam eles em dinheiro ou produtos para realização da festa. É a

partir do sorteio dos festeiros que um novo ciclo se inicia, novas famílias serão inseridas nesse contexto e a devoção permanece.

Com o passar do ano, as atividades em torno da festa continuam: reuniões para escolha dos Alferes, foliões, locais e roteiros dos pousos, composição de músicas, entre outros. É na Semana Santa que se iniciam as celebrações e até chegar o Sábado de Aleluia os devotos auxiliam no que e no tempo que podem: as mulheres ficam responsáveis pela preparação dos bolos, petas e almoço para os foliões que chegam a todo o momento da zona rural e se preparam para evangelizar em nome do Divino Espírito Santo.

Os foliões são os devotos do Divino, eles percorrem junto com a folia a zona rural, os povoados e cidades circunvizinhas. Eles são os músicos que compõem, cantam catiras e rodas, tocam e dançam nos locais em que chegam com a bandeira do Divino.

No pouso, os foliões arrumam seus arreios e é servido o jantar e quando todos os presentes já se alimentaram é chegado o momento do Bendito, que é cantado em quadras pelos foliões e consiste em uma reza em que se agradece pelo alimento e pede bênção ao Divino, tanto para as folias, os devotos, Imperador e sua família, além da família que lhes acolheram no pouso. Ao final, catira e versos que falam do homem, natureza e fé são entoadas até altas horas da madrugada.

E, assim, seguem evangelizando pelo interior da região transmitindo a palavra de Deus e arrecadando dinheiro ou mantimentos para a realização da festa do Divino Espírito Santo.



Figura 1 - Foliões cantando o Bendito durante a 'janta' oferecida no pouso. Foto: Poliana Macedo

O Giro de quarenta dias termina em uma quinta-feira, dez dias antes da comemoração do Dia de Pentecostes, quando acontece o Encontro das Folias na Praça da Igreja Matriz, onde lá assinam o termo de compromisso, fazem as vênias com as bandeiras do Divino e entoam cânticos com muita alegria.



Figura 2 - Após 40 dias de giro, as três folias se encontram para trazer os donativos arrecadados para a festa do Imperador. Foto: Flávio

Com a chegada das folias é dado início ao Tríduo do Divino quando as pessoas ficam durante três dias cantando e louvando o Espírito Santo. Nos dias que antecedem a Esmola Geral, Festa do Capitão e Festa do Imperador, os devotos concentram-se nos locais onde as festas serão realizadas para organizar as ornamentações, alimentação entre outros afazeres para os próximos dias de festas em tributo ao Divino.

No local, homens e mulheres de todas as idades trabalham em conjunto para cortar, fritar, pilar (em um pilão de madeira) e colocar em recipientes plásticos as paçocas de carne de sol, além de preparar, assar e empacotar os vários tipos de biscoitos (biscoito do céu, bolacha, peta e amor-perfeito), que serão distribuídos para a comunidade. Uma animação e disposição sem fim.

Ao som de forró, causos são contados no decorrer das atividades e fogos de artifícios eram soltos como sinal de comunicação, tanto da casa do Imperador quanto na casa do Capitão do Mastro, como resposta ao chamado de um e do outro. Os foguetes continuam a noite toda.

No sábado acontece a Esmola Geral, uma procissão na qual a população e os Alferes das folias saem pelas principais ruas de Natividade com uma bandeira maior, a

Bandeira da Misericórdia, e as bandeiras dos devotos visitando os moradores e pedindo donativos para a festa geral. As mulheres da comunidade (em sua maioria, idosas) ornamentavam a Igreja Matriz na cor vermelha.



Figura 3 - Saída dos devotos para a Esmola Geral onde pagam promessas e arrecadam mais donativos pelas ruas de Natividade. Foto: Poliana Macedo

No sábado ainda, acontece a Festa do Capitão do Mastro em que ele é levado de sua casa até a porta da Igreja Matriz em cima de um mastro de aproximadamente cinco metros de altura. A população acompanha o mastro até a Praça da Igreja, regadas de músicas e iluminados por velas.



Figura 4 - Festa do Capitão do Mastro. Momento em que a população leva o capitão até a entrada da Igreja Matriz. Foto: Poliana Macedo

No Domingo de Pentecostes acontece o ápice da festa do Divino Espírito Santo que é a coroação e Festa do Imperador. A igreja recebe os últimos preparativos como a

decoreção em geral, os pãezinhos da sorte do Imperador, a banda da cidade que se prepara para tocar durante o cortejo, os devotos trajados de vermelho e muitas pessoas das cidades do interior chegavam para acompanhar a festa em “paus-de-arara”.



Figura 5 - Coroação do Imperador e cortejo para a Missa Solene e em seguida o sorteio dos próximos festeiros e festa oferecida para a população. Foto: Emerson Silva

O Imperador sai em cortejo pelas ruas até chegar a Igreja para coroação iniciando com a bandeira da Misericórdia, os Alferes das três folhas, jovens representando os sete dons do Espírito Santo, crianças vestidas de anjinhos, porta-almofada com a bíblia e dentro de um cercado: o Imperador com sua família e amigos, além do Capitão do Mastro e a rainha, logo atrás os ex-imperadores e capitães, seguidos pela banda municipal e a população.

Ao final do cortejo, a bandeira da Misericórdia saúda o Imperador e sua família na porta da Igreja Matriz e o Padre os recebe, onde realiza a coroação do Imperador. Após a coroação, inicia-se a Missa Solene e, em seguida, é realizado o sorteio do Imperador e Capitão para a festa do ano seguinte.

Conclusão

O objetivo principal do nosso estudo foi descrever o processo de organização da comunidade para a realização da festa do Divino Espírito Santo em Natividade e compreender a contribuição da mesma na construção da religiosidade da comunidade.

Todas as pessoas envolvidas na festa têm algo a dizer, por isso, a escolha de devotos, foliões, boleiras, imperadores para compor o universo dos entrevistados.

Partimos do pressuposto que na produção de crenças e práticas religiosas estão os modos de representação e compreensão individual e em grupo que são sustentadas pela memória, que é revivida nos lugares, nos discursos e nas práticas. São essas práticas que vêm do passado, repletas de significados locais, regionais e até mesmo nacionais, que servem de base para a construção e apropriação de novas culturas e valores de toda uma sociedade.

Os aspectos evidenciados nessa pesquisa ilustram alguns dos elementos que consideramos importantes para o entendimento da festa como um todo. Como processo comunicacional, pois por ser mobilizadora das comunidades e assumindo ainda dimensões culturais e religiosas, a festa do Divino Espírito Santo em Natividade possui uma característica folkcomunicacional, já que é ativadora das relações humanas, produzindo comunhão entre determinados grupos (zona urbana e zona rural) em torno de algo comum, o culto ao Divino.

Estudar as manifestações que envolvem religiosidade, sagrado e o profano, ou seja, o que é divino torna-se uma busca por compreender os aspectos comunicacionais dos elementos religiosos de determinada cultura, além de buscar na memória do grupo participante dessa manifestação algo mais antigo foi um dos alicerces para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Conhecendo a festa e todos os seus ritos, além dos seus modos de fazer por meio da comunidade, abordamos os conceitos de lugar, relacionando a interação dos foliões com as folias, os ritos e, principalmente, a influência e importância do Divino Espírito Santo em sua vida e no seu espaço de convivência. Existe ali uma relação intensa de fé entre essas pessoas e seu padroeiro, que será refletida no empenho e dedicação em realizar a, cada ano, uma festa melhor que a outra.

Na abordagem teórica e metodológica, analisamos o ambiente social e a própria organização da comunidade para a constituição dessa festa. A importância da presença das mulheres na organização da estrutura básica da festa, pois elas “tomam a rédea” da organização para que tudo saia conforme a tradição.

Os cânticos, rezas ou qualquer outro tipo de ritual que aconteça durante a festa do Divino Espírito Santo fizeram com que houvesse uma melhor compreensão do lugar, das pessoas, das transformações, dos juízos de valor e do modo de expressão da comunidade nativitana. É na expressão máxima da fé que percebemos quão grandioso é o culto ao Divino nessa cidade.

Relacionamos, ainda, as questões sobre espaço e lugar junto com relatos de experiência que cada entrevistado pôde repassar. Experiência essa, de fé e devoção ao Divino Espírito Santo, em que para eles a festa não é a comemoração de um acontecimento mítico (e, portanto, religioso), mas sim a sua atualização de compromisso e de fé com o sagrado.

Compartilhamos ainda, momentos de uma história passada e ao mesmo tempo presente, em que jovens, adultos e idosos recebiam e transmitiam conhecimento, seja na hora de cozinhar um bolo ou levantar uma tenda. Esse processo de comunicação entre o grupo e que é passado de geração a geração só corrobora com os estudos voltados para a folkcomunicação.

Fazendo uma ponte entre a comemoração da festa do Divino em Portugal e Brasil, o modelo “império” que foi estabelecido em Alequer no século XIV ainda mantém suas características principais, como personagens, ritos e solenidades. São essas peculiaridades que fazem com que cada festa torne-se diferente e única.

Os impérios obedecem de fato a um conjunto de motivações de natureza religiosa onde estão pessoas que, antes de tudo, têm a fé no Espírito Santo. Essas motivações religiosas são particularmente importantes no caso do imperador, do folião, enfim, de todos que participam do reinado de um ano do Divino Espírito Santo.

Independentemente do lugar onde esteja sendo organizada cada etapa da festa, podemos afirmar que ela está em todos os lugares, seja na casa da boleira que reúne algumas mulheres ao redor do seu fogão a lenha, no espaço em que os homens estão reunidos em que ao terminar de levantar uma tenda comemoram com fogos de artifícios e tomando cerveja ou cachaça, tudo isso, em nome do Divino.

Sendo assim, quem faz a festa do Divino Espírito Santo em Natividade são os devotos. Os devotos e foliões buscam a aproximação do modelo divino para segui-lo, pelo menos nesse tempo sagrado da festa. É a fé e a devoção que motivam os nativitanos, bem como pessoas das cidades vizinhas, a viver a festa do Divino. **RIF**

Referências

ABREU, Martha. **O império do Divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

BELTRÃO, Luís. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez Editora, 1980.

BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In: BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo; Perspectiva, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Prece e folia: festa e romaria**. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.

_____. **Os deuses do povo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

_____. **Sacerdotes de Viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais**. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.

DURKHEIN, Emile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. 3ª Ed. São Paulo: Paulus, 2008.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano - A Essência das Religiões**. Lisboa: Edição Livros do Brasil, s/d.

FILHO, Alexandre José de Melo Morais. **Festas e tradições populares do Brasil**. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1999.

JOUTARD, Phillip. Memória coletiva. In: BURGUIÉRE, A. (Org.). **Dicionário das ciências históricas**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

LIMA, José. Festa. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.). **Dicionário de História Religiosa de Portugal**. Lisboa: Circulo de Leitores, 2000.

LOPES, Aurélio. **Devoção e poder nas Festas do Espírito Santo**. Edições Cosmos, 2004.

MESSIAS, Noeci Carvalho. **Religiosidade e devoção: as festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade – TO**. 2010, 352 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em: < http://portais.ufg.br/uploads/113/original_Tese_Noeci_Carvalho_Messias.pdf >. Acesso em 23 ago 2011.

MILHEIRO, Maria Manuela. A Arte e a Festa. O sagrado, o lúdico e o efêmero. In: **Cadernos do Noroeste**. Vol. 9 (2), 1996, pag. 83-102

PREFEITURA DE NATIVIDADE. **História e Localização geográfica**. Disponível em: <<http://www.natividade.to.gov.br/>> Acesso em: 19 jul 2010.

SANTOS, Claudefranklin Monteiro. **A Festa como objeto de pesquisa histórica no campo da religiosidade**. In: ENCONTRO SERGIPANO DE HISTÓRIA. 12, 2008, Aracaju. Disponível em: <www.gpcir.sites.uol.com.br/ce/claudefranklin.pdf>. Acesso em: 13 mai 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.